



A NATUREZA E O TEMPO

ANA PAULA MACHADO
UNIVERSIDADE ABERTA



NATURE, LEONOR NEVES E SOUSA

¹ É doutorada em Estudos Ingleses e Americanos pela Universidade Aberta; Mestre em Estudos Americanos pela Universidade Aberta; fez uma Pós-Graduação em Literatura Inglesa na Universidade de Adelaide, Austrália do Sul; Licenciada em Filologia Germânica – Ramo Anglístico, pela Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. As suas áreas de interesse e investigação situam-se no Ensino de Inglês como Língua Estrangeira, Ensino de Inglês para Fins Específicos, Estudos Europeus, Estudos Índios e Estudos Canadianos. Foi bolseira da FLAD e do International Council for Canadian Studies, em várias ocasiões, tendo efectuado pesquisa nas Universidades de: Denver, Arizona, Trent (Ontário), entre outras. Participou em múltiplos congressos internacionais e nacionais, na área de Estudos Índios/Estudos Canadianos. É autora de artigos nessas áreas em publicações universitárias nacionais e internacionais. Colaborou em projectos de investigação no Laboratório em Ensino a Distância da Universidade Aberta e no Centro de Estudos de Comunicação e Cultura da Universidade Católica Portuguesa.



A NATUREZA E O TEMPO

**ANA PAULA MACHADO
UNIVERSIDADE ABERTA**

De uma forma geral, o ser humano não reconhece a importância que o seu modo de ver a natureza tem para a sua vivência do quotidiano e para o seu posicionamento filosófico-religioso no universo, no entanto, entendemos que esse é um aspecto fundamental, que convém analisar e integrar. Assim sendo, iremos debruçar-nos, brevemente, sobre o tema e sobre a sua íntima relação com a questão do tempo².

Nas culturas de raiz europeia, a ancestral visão circular do tempo, assente nos ciclos da natureza, cedeu, eventualmente, lugar à visão linear do tempo, ao *chronos* ou tempo sequencial. Esta mudança de perspectiva traduziu-se em inúmeras alterações no modo como o ser humano se posicionava no cosmos.

No primeiro caso, via-se como parte integrante de um todo maior, uma vez que, estando entrosado nos ritmos naturais da vida, acabava por estar, por extensão, integrado nos ritmos maiores a que a natureza pertencia – no cosmos.

² Os tópicos aqui abordados necessitariam de um aprofundamento e de uma exposição mais alongados, futuramente.



A NATUREZA E O TEMPO

ANA PAULA MACHADO
UNIVERSIDADE ABERTA



Corn Mother, Leonor Neves e Sousa

A Deusa-Mãe, venerada pelos povos ditos primitivos, sobretudo desde o Neolítico, era apresentada sob três aspectos: jovem, mãe e anciã. Estas três faces da Deusa correspondiam aos três momentos do ciclo da Vida: nascimento, vida (fecundidade) e morte. A repetição *ad eternum* deste ciclo garantia a continuidade da Vida. No fundo, era através desta alternância natural que o eterno era alcançado. A imutabilidade estava na mudança, isto é, a única permanência residia na repetição do ciclo; o ciclo era imutável.



A NATUREZA E O TEMPO

ANA PAULA MACHADO
UNIVERSIDADE ABERTA



BUFFALO WOMAN, LEONOR NEVES E SOUSA

A noção da sacralidade da existência – humana, vegetal, animal – estava intimamente ligada à noção da imutabilidade da mudança e da alternância das fases do ciclo. O ser humano identificava-se com os outros seres que partilhavam a existência consigo e via-os como plenos de poder e mistério: os animais que caçavam pertenciam a uma "família", a um espírito maior; as plantas comestíveis eram seres divinos que se haviam sacrificado para que a vida dos seres humanos prosseguisse, sendo, pois, sagradas.

Em muitas culturas ancestrais, o ser humano via-se não só como parte integrante da natureza, como também como guardião e garante da continuação da vida natural, daí que fosse importante a realização de cerimónias e rituais que assegurassem essa continuidade. Não seria uma relação de "medo", como é normalmente retratada, mas sim de profundo respeito e também de consciência do papel importante que o ser humano desempenhava nesse todo.



A NATUREZA E O TEMPO

**ANA PAULA MACHADO
UNIVERSIDADE ABERTA**

No entanto, os mitos cosmogónicos de certos povos antigos (suméricos e acádicos, por exemplo) introduzem a noção de o acto criador dos seres humanos e do mundo ter partido de um ser divino caído e demonizado, o que vai ser elaborado mais em profundidade nas religiões que entroncaram no Zoroastrismo. Também no judaísmo temos o motivo da imperfeição humana na Queda do Paraíso.

A passagem do tempo cíclico e circular para o tempo linear e cronológico, na perspectiva da existência humana, ter-se-á, porventura, ensaiado no Zoroastrismo, com o seu pensamento escatológico e messiânico, mas foi, sem dúvida o judaísmo que a propagou e enraizou no pensamento ocidental, devido ao impacto que teve em toda a Europa e em todo o mundo, através do cristianismo. Convém não esquecermos que, enquanto linha de pensamento, o cristianismo se insere num complexo maior - o judaico-cristianismo.

A cosmogonia judaica deixa de ser uma repetição cíclica da génese da existência para ser um momento específico no passado (cronológico, não mítico) da humanidade e o povo escolhido recebe uma revelação divina específica, que vai dar início a uma História sagrada, não a mitos.

O mito, embora muitos autores não o entendam deste modo³, consiste num relato de episódios ocorridos num espaço-tempo sagrado, ou seja, um tempo e um espaço fora do alcance do *chronos* e do espaço profano. Eliade, em *Myth and Reality*, refere-se a este conceito como "*In illo tempore*". Curiosamente, este conceito da inter-ligação entre espaço e tempo sagrados não está muito longe dos actuais conceitos da interligação entre espaço e tempo físicos (Teoria da Relatividade de Einstein), embora num plano distinto. A repetição e

³ Definição de "mito" no *Dicionário Porto Editora, online*: 1. relato das proezas de deuses ou de heróis, susceptível de fornecer uma explicação do real, nomeadamente no que diz respeito a certos fenómenos naturais ou a algumas facetas do comportamento humano; 2. narrativa fabulosa de origem popular; lenda; 3. elaboração do espírito essencialmente ou puramente imaginativa; 4. alegoria; 5. representação falsa e simplista, mas geralmente admitida por todos os membros de um grupo; 6. algo ou alguém que é recordado ou representado de forma irrealista; 7. exposição de uma ideia ou de uma doutrina sob forma voluntariamente poética e quase religiosa



A NATUREZA E O TEMPO

ANA PAULA MACHADO
UNIVERSIDADE ABERTA

ritualização dos mitos cosmogônicos, por exemplo, recriava esse espaço-tempo sagrado e permitia a recriação do mundo.

No judaísmo, a tônica está na sequência de episódios tidos como "reais", verídicos, da História – que se torna sagrada – de um povo eleito por Deus. Torna-se uma história nacional e, através da difusão do cristianismo, universal. O ser humano surge não como parte integrante ou guardião da natureza, como anteriormente, mas como alguém que poderá exercer o seu domínio sobre os restantes reinos da natureza, como "senhor" ou proprietário do *habitat* que lhe é concedido.⁴ A partir desse momento, deixa de fazer parte do todo em que se insere, e destaca-se dele, com uma missão especial de domínio. A ênfase do seu pensamento também se desloca para a vida eterna, para a questão do julgamento final, no final dos tempos (visão cronológica) e para a sua admissão no paraíso, depois da morte, como meta a alcançar, em detrimento da vida cíclica da natureza. O "sagrado" desloca-se para o Além e deixa de habitar a Terra.

A partir do momento em que o ser humano se propõe "dominar" a natureza, ocorre, pois, uma mudança fundamental de paradigma, e as acções humanas passam a pautar-se por outros princípios que não os de respeito pelos ciclos naturais, ou pelos outros reinos da natureza.

Deste enorme conflito entre as diferentes formas de perspectivar o ser humano na criação e no cosmos, nascem as tensões com que nos deparamos actualmente, face à natureza.

Se na Grécia Antiga *physis* era venerada sob a forma de múltiplos deuses do Olimpo, encontrando-se o ser humano dependente de seus desejos, paixões e acções, e se, em Roma, esse culto assumiu outros nomes e se encontrou associado ao poder imperial, no cristianismo

⁴ Veja-se Alicia Suskin Ostriker, *Feminist Revision and The Bible*.
GAUDIUM SCIENDI, Nº 9, DEZEMBRO 2015



A NATUREZA E O TEMPO

ANA PAULA MACHADO
UNIVERSIDADE ABERTA

deu-se um corte com os deuses pagãos da natureza e com o poder temporal, colocando-se a ênfase no reino espiritual acima do terreno, no Além.⁵

No entanto, esse dualismo nem sempre resultou diferenciado ou nítido, ao longo dos tempos. A tensão esteve presente já na Grécia, onde motivos essencialmente políticos estiveram na base da condenação de Sócrates, por este se recusar a prestar culto aos deuses da cidade-estado. Pitágoras, criador do famoso teorema com o seu nome e matemático insigne, esteve na origem de uma escola simultaneamente metafísica e mística, em pleno auge da cultura helénica, no século VI a. C. Nessa escola, tentava superar-se o peso da matéria, através da purificação dos "apetites maléficos da carne" (McNall Burns: 170), a fim de se poder alcançar o "mais alto bem", que consistia na vida especulativa. Para conseguirem tal objectivo, os seus discípulos praticavam o vegetarianismo e seguiam um culto muito próximo dos mistérios eleusinos e órficos.

Estes mistérios órficos, dionisíacos e eleusinos, combinando natureza e transcendência, nunca estiveram ausentes das culturas helénica, helenística e romana, muito embora se revigorassem mais em certos períodos, por motivos que não passarão, necessariamente, pela decadência dessas culturas, como frequentemente alegado, mas sim por corresponderem a um anseio profundo de o ser humano compreender, superar e agir sobre a sua situação no mundo físico, ou seja, de transcender os seus limites físicos e de transcender a morte. A presença desses mistérios e cultos, ao longo dos tempos e em paralelo com as correntes racionalistas, resulta, porventura, de uma tensão entre o conceito de *physis* dos Gregos e o de *Logos* dos Judeus e também dos Gregos.

Apesar da sua ênfase na "história sagrada", linear e cronológica, na transcendência do "Além" e na historicidade das figuras e dos eventos do Velho e Novo Testamento, o cristianismo continua a conter elementos do tempo cíclico e circular das religiões da natureza.

⁵ O tema da concepção da natureza, na antiga Grécia e em Roma, merece um maior aprofundamento, num futuro próximo.



A NATUREZA E O TEMPO

**ANA PAULA MACHADO
UNIVERSIDADE ABERTA**

O nascimento, morte e ressurreição de Jesus Cristo, por exemplo, coincide com o ciclo da natureza – a semente que nasce, floresce e morre; germina na escuridão da terra e renasce na Primavera - podendo ser interpretado como uma simbiose ou um sincretismo entre as religiões ancestrais e o judaico-cristianismo. Também a figura da Virgem Maria se poderá considerar uma continuação da figura da Deusa-Mãe das culturas pré-históricas⁶.

Durante as conturbadas fases do cristianismo dos primeiros séculos da nossa era⁷, e vindo este a ser considerado religião oficial do Império Romano, muitas seriam as metamorfoses que viria ainda a sofrer.

Os primeiros Padres da Igreja eram homens formados pelas correntes herdadas ou inspiradas na cultura helenística, tais como o neoplatonismo, o gnosticismo, ou o maniqueísmo. Tendo eles tido uma influência tão decisiva na estruturação do pensamento da época medieval que vai do século V ao século IX, não será difícil entender as razões para, por um lado, o que tem sido apontado como o "pessimismo" do Homem medieval, e por outro a continuidade da cultura clássica no pensamento dessa época, ainda que por forma mais ou menos indirecta. Recordemos que Clemente de Alexandria e Orígenes (século III) tinham sido profundamente influenciados pelo neoplatonismo e pelo gnosticismo e representam uma tradição racionalista dentro da Igreja. Santo Agostinho (séculos IV-V) foi maniqueísta e neoplatónico e tais influências podem ser facilmente detectadas na sua teologia, se atentarmos na sua teoria da predestinação e da natureza pecaminosa do Homem (maniqueísmo), ou ainda na sua crença na verdade absoluta e eterna, ou no conhecimento instintivo que Deus grava no íntimo do Homem (neoplatonismo).

O cristianismo viria a tornar-se o elo que identificaria os diversos povos da Europa, na Idade Média. Essa seria uma época em que o ascetismo e o misticismo cristãos conviviam com

⁶ Sobre este tema, veja-se a vasta obra de Mircea Eliade.

⁷ Veja-se a obra de Elaine Pagels, *The Gnostic Gospels*, . (Este seria igualmente um tema a abordarmos futuramente).



A NATUREZA E O TEMPO

**ANA PAULA MACHADO
UNIVERSIDADE ABERTA**

o estudo dos clássicos e em que a natureza permanecia ainda envolta numa certa aura espiritual e sobrenatural (Da Silva). Nos mosteiros, os eruditos e copistas debruçar-se-iam sobre os escritos dos clássicos que não haviam desaparecido com as invasões bárbaras, ou sido consumidos pelo fogo, no grande incêndio da Biblioteca de Alexandria.⁸

Essa tendência medieval (sobretudo dos séculos V a X) para o misticismo e o ascetismo estará, pois, em linha de continuidade com as tradições helenísticas dos Mistérios e as linhas gnósticas e maniqueístas de identificação da vida terrena e da carne com o Mal, ou com uma prisão e obstáculo à salvação da alma.

No entanto, já nos séculos seguintes, assistimos ao desenvolvimento de um outro clima intelectual, em que, de Bizâncio, vêm não só especiarias e artigos de luxo, mas também as obras gregas traduzidas para o árabe (Aristóteles, Euclides, Ptolomeu, etc.). Ao ascetismo anterior, sucede-se um desejo de entender a própria fé (Russ, 48-9).

Fundam-se as primeiras universidades na Europa. De lembrar que a Universidade de Coimbra, originalmente fundada em Lisboa (Escolas Gerais), em 1290, por D. Dinis, e transferida para Coimbra em 1308, é uma das mais antigas da Europa (facto raramente mencionado na bibliografia consultada).

Assim, grande parte do legado filosófico e literário greco-romano chegou à época renascentista por via do moroso trabalho dos copistas monásticos medievais. Neste campo, o contributo da civilização muçulmana para a preservação e divulgação das obras clássicas, nomeadamente de Aristóteles, também não pode ser suficientemente salientado. Não esqueçamos que a Península Ibérica estava sob ocupação muçulmana e também que, no Médio Oriente, nomeadamente na Síria, os Árabes tinham tido acesso directo às obras da Antiguidade Clássica, (Cordón, 142; Weinberg, 73) traduzindo-as e comentando-as profusamente. A cidade de Toledo, anteriormente parte do califado de Córdoba e depois do

⁸ Note-se que os historiadores continuam ainda a debater se a destruição da Grande Biblioteca de Alexandria se deu de forma sucessiva e o quê ou quem esteve na sua origem.



A NATUREZA E O TEMPO

**ANA PAULA MACHADO
UNIVERSIDADE ABERTA**

Taifa de Toledo, viria a ser reconquistada em 1085 por Afonso VI de Castela, tornando-se um importante centro cultural, onde se entrecruzavam as culturas árabe, judaica e cristã (de sublinhar o papel fundamental do filósofo árabe Averroés (1126-1198) na difusão da obra de Aristóteles, na Idade Média). Sob a égide do amor ao conhecimento do "Sábio" Afonso X, a escola de tradutores de Toledo (século XIII) levou a cabo inúmeras traduções do árabe e do hebraico - cujos originais eram maioritariamente gregos, traduzindo-os para o latim e tornando, assim, acessível uma vasta gama de conhecimentos perdidos para o Ocidente, sobretudo, com as invasões bárbaras de Roma. (De notar que, contrariamente ao que frequentemente se pensa, o papel das cruzadas na difusão da cultura muçulmana foi mínimo)

A Escolástica, desenvolvida na segunda fase da Idade Média, veio a imperar como sistema filosófico, tentando conciliar a fé com a razão e integrando a filosofia na teologia, isto é, fazendo a filosofia servir a teologia. Baseava-se no primado da lógica - e não da experiência - e nos postulados socráticos, platónicos e aristotélicos. Pretendia melhorar a vida terrena dos Homens e assegurar-lhes a salvação na outra vida (McNall Burns, 370). Abelardo (1079-1142), Alberto Magno (1193-1280) e São Tomás de Aquino (1225-1274), figuras do clero de relevo, dedicaram-se ao ensino nas universidades da Europa, tendo o seu pensamento desenvolvido este sistema ao seu ponto mais alto. São Tomás de Aquino, cuja obra mais famosa foi a *Suma Teológica*, pretendia demonstrar a racionalidade do universo e a primazia da razão.

No entanto, da especulação escolástica medieval passa-se, com o Renascimento, para uma "filosofia da natureza", em que esta será *entendida e explicada experimentalmente* (Da Silva), dando continuidade e aprofundando as tendências já verificadas nas universidades do século XIII, tal como refere o teólogo Airton José da Da Silva: *A natureza, considerada pelo sobrenaturalismo da Idade Média como objecto de medo e de contemplação, torna-se objecto de estudo e de actuação do homem que procura modificá-la para que se adapte melhor às suas necessidades.*



A NATUREZA E O TEMPO

**ANA PAULA MACHADO
UNIVERSIDADE ABERTA**

Ao verificarmos o encadeamento e a sequência dos acontecimentos culturais medievais e renascentistas, poderíamos concluir [...] *que, durante esses dez séculos medievais, se operou a transição do mundo antigo para o mundo moderno* (Machado, 8).

A crescente independência da tutela intelectual e social da Igreja, durante o Renascimento, deu-se em simultâneo com a pujança económica verificada nos *burgos* medievais e com o advento do capitalismo, que veio sobrepor-se ao sistema feudal (Machado, Vol. III: 7), sendo fruto das intensas actividades comerciais desenvolvidas. Esse processo duplo, ao qual está associada a redescoberta dos clássicos, preparada na época anterior, veio gerar um clima de optimismo e crença nas capacidades do Homem e na sua possibilidade de se afirmar no mundo terreno, através da razão, da experiência e da acção, adoptando, frequentemente, atitudes de cepticismo face às inquietações de ordem espiritual da época medieval. O homem torna-se, realmente, "a medida de todas as coisas".⁹ Do teocentrismo medieval passa-se para o antropocentrismo renascentista.

Diz-nos Jacqueline Russ que o humanismo medieval do século XII subentende uma dessacralização da natureza (Russ, 50). Bernard de Chartres, por exemplo, em 1119, defende que, sendo o Homem criado à imagem de Deus, pode aceder a uma grandeza incomparável, e considera que todo o universo terá sido criado tendo em vista o destino do Homem. Nesse sentido, desmistifica-se a natureza, os astros, os fenómenos, que perdem o *númen* ou deixam de ser deuses (como no Neolítico ou na Antiguidade, como vimos) e passam a fazer parte de um propósito racional, cuja finalidade é a salvação do Homem (Russ, 51).

O homem renascentista desloca, pois, o seu olhar que, na Idade Média cristã, estava focado no Além, para si próprio e para a natureza, não como fonte de mistério e de poder numinoso, mas como algo a entender e a utilizar em seu próprio benefício. Deixou de olhar

⁹ Conhecida frase do sofista Protágoras: "O homem é a medida de todas as coisas, das coisas que são, enquanto são, das coisas que não são, enquanto não são."



A NATUREZA E O TEMPO

ANA PAULA MACHADO
UNIVERSIDADE ABERTA

para o Alto, para o mundo das essências, na sua busca de respostas, e passou a olhar para o mundo dos factos e dos fenómenos (Da Silva).

Sobre o humanismo renascentista, diz-nos McNall Burns: *No seu sentido mais amplo, humanismo pode ser definido como a glorificação do humano e do natural, em oposição ao divino e ao extraterreno* (392).

Esse humanismo e dessacralização da natureza, conjuntamente com a emergência do capitalismo nos *burgos*, serão, pois, alguns dos factores que irão influenciar sobremaneira o desabrochar da ciência e da cultura renascentistas e influenciar os séculos seguintes.

Com as descobertas marítimas, no entanto, o eixo comercial passou das cidades italianas mediterrânicas para a costa do Atlântico, contribuindo assim, para a decadência desses ilustres centros urbanos.

Mede-se o tempo, traçam-se mapas, estudam-se os céus, impõe-se uma história sagrada, linear e cronológica, aos ritmos cíclicos, mitológicos e circulares da natureza e do tempo, dos povos dos quatro cantos do mundo. O "aqui e agora" deixou decididamente de ser eterno e sacro e passou a ser uma fase na sequência do tempo (*chronos*), situado numa natureza sem alma própria, sem "chama divina". Tudo o que se perdeu a esse nível ter-se-á ganho em termos de conhecimento do mundo físico e das suas leis.

A nível da ciência, o Renascimento destacou-se nos campos da matemática, da astronomia, da física e da medicina. Basta lembrarmo-nos de Copérnico, Galileu Galilei, Leonardo da Vinci, Francis Bacon, Kepler, entre outros, para verificarmos os grandes avanços conseguidos nessa época. No entanto, o interesse de Ficino (1433-1499) e de Giordano Bruno (1548-1600), entre outros renascentistas, pelo hermetismo e pela magia da natureza demonstra que a ânsia de saber do homem renascentista não se cingiu meramente ao uso das suas capacidades racionais e ao estudo da natureza dessacralizada. *O Egipto antigo, a Pérsia Mítica de Zoroastro, a "doutrina secreta" de Orfeu, revelam "mistérios" que ultrapassam as*



A NATUREZA E O TEMPO

**ANA PAULA MACHADO
UNIVERSIDADE ABERTA**

fronteiras do judeu-cristianismo e do mundo clássico recentemente redescoberto pelos humanistas. (Eliade. s. d., Vol. III, 228)

No espaço sagrado da natureza e através da magia, tentava alcançar-se o espaço-tempo mítico, o tempo circular e cíclico sempre presente e, paradoxalmente, eterno do *In illo tempore*. Como refere Eliade: *No século XVI, o interesse pela magia naturalis representa um novo esforço no sentido de aproximar a Natureza e a religião. (230)*

Contudo, na esteira do humanismo e racionalismo renascentistas, levou-se mais longe a dessacralização da natureza e o corte com o tempo cíclico e circular dos povos de antanho. O auge desse racionalismo e antropocentrismo deu-se com o Iluminismo dos séculos XVII e XVIII. O ser humano, seguro das suas próprias capacidades racionais, afirma-se como senhor do mundo, que desbrava, estuda e explica, colocando a razão humana no centro da existência. A natureza é objecto de estudo, tal como antes, no Renascimento o fora, acentuando-se, paralelamente, cada vez mais, a linearidade do tempo. Passa a estudar-se a sociedade como uma construção histórica e não natural, colocando em questão o poder absoluto - divino ou real. O indivíduo consciente e pensante de Descartes (1596-1650), conjugado com o empirismo de T. Hobbes (1588-1679) e de J. Locke (1632-1704) consolidam os valores burgueses crescentes e conduzem a novas formas de ver o mundo e a sociedade (Da Silva). Com o Iluminismo, confirma-se, assim, a ciência do Homem e a Razão autónoma e secularizada (Cordón, 367). Isaac Newton (1642-1727), considerado pelos especialistas "o maior cientista de todos os tempos" (343) levaria mais longe os postulados de Galileu, Kepler e Descartes, em áreas tão aparentemente distintas como a análise (cálculo de fluxos), a mecânica, a óptica, a astronomia e a teologia, edificando os pilares sobre os quais assentaria a ciência moderna (343).

No entanto, como temos vindo a salientar, se já na Idade Média e no Renascimento não existiu uma cisão radical entre pontos de vista, tendo eles coexistido, com uma maior ênfase num ou noutro - como se, por vezes, um foco de luz mais forte incidisse numa forma de perspectivar o universo, deixando a outra na penumbra, para, de seguida, alternarem



A NATUREZA E O TEMPO

ANA PAULA MACHADO
UNIVERSIDADE ABERTA

novamente, ficando a primeira na penumbra e a segunda sob o foco de luz – em pleno Iluminismo, surgem também ambos simultaneamente. Exemplo dessa coexistência de paradigmas será o próprio Newton, que realizou experiências alquímicas no seu laboratório e dedicou vários manuscritos - ignorados até 1940 - a essa ciência esotérica, numa tentativa de efectuar uma síntese entre as tradições ocultas e as ciências naturais, com vista à renovação da religião e da cultura europeias (Eliade, s. d., Vol.III:234). No entanto, a ciência moderna viria a ignorar ou rejeitar essa herança do hermetismo, centrando-se apenas na vertente da mecânica newtoniana. Também em Jean Jacques Rousseau (1712-1778), se encontra essa dualidade, quando considera que o ser humano se corrompe em sociedade, mas, se tal fosse possível, se manteria no seu estado puro (homem natural) no seio da natureza (estado de natureza) (Cordón, 370), como reflectido na sua teoria do *Bon Sauvage*.

Aliás, com a exaltação revolucionária da razão, veio, simultaneamente, a irracionalidade do Terror e, posteriormente, o regresso dos imperialismos, contrariando a lógica inicial, numa confusa mescla de valores, ideias e ideais.

Aos excessos da crença na razão e no progresso e do naturalismo secular dos Iluministas veio opor-se, no campo da arte, a explosão de emoção, sentimento e sobrenaturalismo dos Românticos.

Com o *Sturm und Drang*, dá-se a rejeição do racionalismo iluminista, a exacerbação do sentimento, da emoção e do sobrenatural e a busca do sagrado na natureza e nos tempos remotos, em particular, na mística medieval. A natureza e o tempo mítico - o *In Illo Tempore* - assim como o numinoso são espelhados nas obras dos autores românticos. Senão, atentemos nos seguintes versos do romântico William Wordsworth (1770-1850), no seu poema "The Tables Turned":

[...]

*One impulse from a vernal wood
May teach you more of man,*



A NATUREZA E O TEMPO

ANA PAULA MACHADO
UNIVERSIDADE ABERTA

*Of moral evil and of good,
Than all the sages can.*

*Sweet is the lore which Nature brings;
Our meddling intellect
Mis-shapes the beauteous forms of things:—
We murder to dissect.
[...]*

E ainda nestes versos de seu contemporâneo Samuel Taylor Coleridge (1772-1834), retirados do seu poema "Kubla Kahn":

*In Xanadu did Kubla Khan
A stately pleasure-dome decree :
Where Alph, the sacred river, ran
Through caverns measureless to man
Down to a sunless sea.
So twice five miles of fertile ground
With walls and towers were girdled round :
And there were gardens bright with sinuous rills,
Where blossomed many an incense-bearing tree ;
And here were forests ancient as the hills,
Emfolding sunny spots of greenery.*

*But oh ! that deep romantic chasm which slanted
Down the green hill athwart a cedarn cover !
A savage place ! as holy and enchanted*



A NATUREZA E O TEMPO

ANA PAULA MACHADO
UNIVERSIDADE ABERTA

As e'er beneath a waning moon was haunted

By woman wailing for her demon-lover !

[...]

À corrente positivista de Auguste Comte (1798-1857) e à crescente industrialização do século XIX vieram opor-se outras eloquentes vozes de poetas, ensaístas, artistas e artesãos, que se ergueram contra a transformação da natureza pela máquina e contra o reducionismo da ciência físico-natural e da técnica maquinal, contrapondo-lhes a beleza e a mística da natureza, como foi o caso dos Pré-Rafaelitas (1848), por exemplo, com o seu retorno a um passado mítico e a um espaço natural sagrado - construindo uma espécie de universo paralelo, coexistente com o fumo das chaminés das fábricas e o labor desumanizado de mulheres, homens e crianças, em prole de um "progresso", que permaneceria apenas uma quimera para a maioria dos indivíduos da época. Também o neo-gótico marcaria o regresso a esse passado remoto, na arquitectura, recuando no tempo até aos finais da Idade Média. O movimento de *Art Nouveau*, que aflorou na Europa, principalmente, entre 1890 e 1910, tomou igualmente como temas a natureza e as figuras míticas, numa mesma tendência de a arte contrariar o espírito da época.

Romancistas como Charles Dickens (1812-1870) e, mais tarde, D. H. Lawrence (1885-1930)¹⁰ ergueriam os seus romances sobre a crítica ao mecanicismo e desumanização da sociedade industrial, assim como às rígidas normas que a regiam.

Com a segunda metade do século XX, passadas as grandes conflagrações bélicas da centúria, a Guerra Fria e a Queda do Muro de Berlim, ciência e tecnologia, apoiadas em vastos *lobbies* financeiros, continuam na senda do progresso e voltam frequentemente as costas ao mundo natural, sobretudo, enquanto entidade sensível (*sentient being*), com inteligência

¹⁰ Veja-se *Women in Love*, por exemplo.



A NATUREZA E O TEMPO

**ANA PAULA MACHADO
UNIVERSIDADE ABERTA**

própria e com um *all-pervasive spirit*, ou melhor, uma natureza intrinsecamente espiritual. A ecologia, embora reconheça os ciclos naturais e as ligações e interdependência das espécies, continua alheia às interligações de ordem energética e espiritual e à inter-relação de espaço sagrado-tempo circular, ou seja, ao eterno sempre presente.

Resta-nos, neste primeiro quartel do século XXI, a pergunta: terão a ciência e a tecnologia descoberto e desvendado os velhos mistérios do universo?

Numa pertinente alusão aos limites da ciência, escreve o Prémio Nobel da Física, Steven Weinberg:

[...] mesmo que pudéssemos seguir o movimento de cada átomo de uma planta ou de cada átomo de uma planta ou animal, perderíamos nessa imensa massa de dados as coisas que nos interessam: um leão a caçar antílopes ou uma flor a atrair as abelhas. (294)

Se Einstein, Heisenberg e a mecânica quântica vieram romper com os princípios que regiam a ciência até então, verdade é que os novos paradigmas ainda não abalaram completamente as estruturas do nosso pensamento e não nos libertaram de séculos de materialismo e mecanicismo.

Para quando a integração? Para quando o retorno ou a redescoberta do ser humano, na sua plenitude, enquanto habitante de uma Terra e de um Universo sagrados, vivos, sensíveis e inteligentes?



A NATUREZA E O TEMPO

ANA PAULA MACHADO
UNIVERSIDADE ABERTA



THE LANGUAGE OF BIRDS, LEONOR NEVES E SOUSA

Bibliografia

CORDÓN, Juan Manuel Navarro e Tomás Calvo Martinez. *História da Filosofia: dos Pré-Socráticos à Filosofia Contemporânea*. Lisboa: Edições 70, 2014, (¹1995).

DA SILVA, Airton José. "Deslocamentos No Pensamento Europeu Do Século Xv Ao Século Xviii". [Http://Airtonjo.Com/Site1/Metodo.Htm](http://Airtonjo.Com/Site1/Metodo.Htm) , Acedido A 1/12/2015.

ELIADE, Mircea. *Myth and Reality*, trans. Willard R. Trask. Illinois: Waveland Press Inc., 1998, (¹1963).

— *O Sagrado e o Profano: A Essência das Religiões*. trad. Rogério Fernandes. Lisboa: Livros do Brasil, 1999.



A NATUREZA E O TEMPO

**ANA PAULA MACHADO
UNIVERSIDADE ABERTA**

— *História das Ideias e Crenças Religiosas*. trad. Daniela de Carvalho e Paulo Ferreira da Cunha. Porto: RÉ-S-Editora, s. d.

MACHADO, Herlânder. *O Sistema Feudal da Idade Média. Temas de História*. Vol. I. Porto: Porto Editora, 1976.

— *Cinco Séculos de Capitalismo. Temas de História*. Vol. III. Porto: Porto Editora, 1976.

MCNALL, Burns. *História da Civilização Ocidental*. Porto Alegre: Globo, 1977.

OSTRIKER, Alicia Suskin. *Feminist Revision and The Bible*. Massachusetts: Blackwell Publishers, 1993.

PAGELS, Elaine. *The Gnostic Gospels*. New York: Vintage Books, 1981, (¹1979).

RUSS, Jacqueline. *L'Aventure de la Pensée Européenne: Une Histoire des Idées Occidentales*. Paris: Armand Colin, 2011 [¹1995].

WEINBERG, Steven. *Explicar o Mundo: A História da Ciência, da Antiguidade à Era Moderna*. trad. Francisco da Silva Pereira. Queluz: Editorial Presença, 2015.

Nota – As imagens que ilustram este artigo foram escolhidas pela autora e agradecemos à pintora Leonor Neves e Sousa a autorização concedida para reproduzir os seus originais.